

## REFERÊNCIAS

- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. A função do dogma na investigação científica. IN: DEUS, Jorge Dias de (Org.). **A crítica da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- \_\_\_\_\_. Lógica da descoberta ou psicologia da pesquisa? IN: LAKATOS, Imre, MUSGRAVE, Alan. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre os meus críticos. In: LAKATOS, Imre, MUSGRAVE, Alan. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- \_\_\_\_\_. Reconsiderações acerca dos paradigmas. In: **A tensão essencial**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- \_\_\_\_\_. **The road since structure**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A tensão essencial**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- LAUDAN, Larry et al. Mudança científica: modelos filosóficos e pesquisa histórica. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v.7, n.19, 1993.
- MASTERMAN, Margaret. A natureza de um paradigma. In: LAKATOS, Imre, MUSGRAVE, Alan. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1974.

## HABERMAS E A TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

*Antonio Paulino de Sousa\**

### RESUMO

O que Habermas propõe é o desenvolvimento de uma certa estratégia conceitual em ciências sociais. Ele quer acentuar o potencial teórico das Ciências Sociais. Habermas deseja simplesmente delimitar o quadro teórico da sociedade que deve ser fundado sobre a idéia da comunicação.

Palavras chave: Historicidade. Racionalidade. Modernidade. Teoria crítica. Emancipação. Agir comunicacional.

### RESUMÉ

Ce que Habermas propose, c'est le développement d'une certaine stratégie conceptuelle en Sciences Sociales. Il veut mettre en évidence le potentiel théorique des Sciences Sociales. Habermas veut simplement délimiter le cadre d'une théorie de la société fondée sur l'idée de la communication.

Mots clés : historicité, rationalité, modernité, théorie critique, agir communicationnel.

### INTRODUÇÃO

Para pensar o mundo contemporâneo, a Filosofia deve assumir sua própria historicidade. Para que isso seja pos-

\* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Paris e Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris VII-Sorbonne. Professor visitante da UFMA.

sível é necessário que ela estabeleça relações de cooperação com as Ciências Sociais. Todo o trabalho inicial dos fundadores da Teoria Crítica consistiu em procurar fazer filosofia servindo-se dos resultados das pesquisas já elaboradas pelas ciências positivas, o que corresponde a afirmação da importância da interdisciplinaridade como elemento determinante para se pensar o presente histórico. O projeto inicial da escola de Frankfurt é uma tentativa de reelaboração da Filosofia do espírito de Hegel. Horkheimer não negava suas relações intelectuais com Hegel. No entanto, ele queria ultrapassar o pensamento de Hegel e elaborar uma nova maneira de fazer filosofia em um ambiente pós-metafísico. Este artigo se inscreve na linha de uma tentativa de reconstruir a coerência e avaliar as contribuições para a elaboração de uma teoria crítica da sociedade.

Horkheimer e Adorno são os principais expoentes do primeiro ciclo da escola de Frankfurt. Eles denunciam a degradação da "razão objetiva" em "razão subjetiva", isto é, a degradação da visão racionalista do mundo em uma visão puramente técnica através da qual a racionalidade é colocada ao serviço das necessidades dos ditadores ou dos consumidores que não estão mais submetidos à razão e aos seus princípios de regulação da ordem social e natural. Bruscamente, a modernidade é denominada por eles como "eclipse da razão". "A palavra razão durante muito tempo significou a atividade de conhecimento e de assimilação de idéias eternas que deviam servir de finalidade para os homens" (TOURAINÉ, 1994, p. 61).

É esta angústia que conduz os fundadores da Teoria Crítica a uma mudança de perspectiva e uma espécie de retorno ao pensamento de Hegel que eles queriam superar. O período histórico no qual os fundadores da escola viveram dificultou a elaboração definitiva do projeto original da escola e as conseqüências disso foi o abandono do projeto inicial. O pessimismo começou a fazer parte do dia-a-dia dos fundadores da escola, eles reduzem a razão à instrumentalidade. Habermas quer dar outra chance ao projeto original de Horkheimer.

Um longo trabalho será feito para determinar as insuficiências do projeto inicial da Teoria crítica, Habermas quer saber quais são os obstáculos epistemológicos que dificultaram a realização do projeto inicial. Ele reafirma que o filósofo que quer compreender o presente histórico deve articular seu discurso com as Ciências Sociais. Esta é a idéia original de Horkheimer, mas ele não levou em consideração os estudos clássicos da sociologia. Isto será feito por Habermas que para justificar sua posição no campo da Filosofia considera, em primeiro lugar, a sociologia como disciplina científica capaz de pensar o presente histórico de forma autônoma. Ele faz uma análise crítica desta disciplina e se inspira fundamentalmente na teoria da modernidade e da racionalidade de Max Weber para repensar a teoria crítica. É através da apropriação crítica do pensamento de Weber que Habermas vai elaborar a teoria do agir comunicativo, o que constitui um novo paradigma comunicativo. A linguagem torna-se o centro do pensamento crítico de Habermas. No processo dialógico o reconhecimento do outro como sujeito é a condição necessária para uma ética da discussão. A teoria crítica supõe instituições democráticas que possam garantir a emancipação dos atores sociais.

## FILOSOFIA E HISTORICIDADE

A filosofia do espírito de Hegel constitui um marco histórico a partir do qual ocorreram transformações importantes na maneira em que a filosofia se representa ela mesma. Ela assume sua própria historicidade, isto é, sua ligação com o pensamento clássico e ao mesmo tempo uma inserção concreta na época em que ela se manifesta. A filosofia começa a considerar que o seu papel mais relevante consiste em compreender o mundo histórico que lhe é contemporâneo. Ela passa a integrar em seu programa o objetivo de compreender analiticamente o tempo presente através do pensamento e tende assim a se redefinir em função dessa nova concepção da filosofia que incorpora a sua própria historicidade.

No entanto, é preciso considerar que essas transformações ocorreram no quadro do idealismo absoluto e estiveram sujeitas à uma metafísica da história. Este pensamento pretende mostrar o sentido último e elaborar especulativamente uma interpretação definitiva tanto do presente quanto do passado. É aí que reside o grande obstáculo epistemológico, no sentido de Bachelard, à aplicação dessa nova concepção filosófica iniciada por Hegel. Assim surge um problema fundamental: como é que essa nova orientação pode ser desvinculada do sistema de Hegel?

Para resolver esse problema é preciso considerar que, em um contexto pós-metafísico, a filosofia pode assumir a sua própria historicidade e desta forma justificar sua “vocaçãõ” a pensar o presente histórico, à condição de estabelecer ligações estreitas com os saberes positivos que já têm como objeto de estudo esse presente e se dedicam a uma exploração empírica. A Filosofia deve estabelecer uma ligação orgânica com as Ciências Sociais. Isto na medida em que estas são capazes de desenvolver um saber metódico e empírico fundado no mundo contemporâneo, sem o qual todo discurso sobre o presente histórico pode ser denunciado como sendo um discurso sem sentido e arbitrário. A filosofia deve, então, estabelecer um distanciamento, uma oposição radical em relação à toda metafísica da história e todo tipo de dogmatismo. Como diz Kant, “a Crítica roeu definitivamente as asas do dogmatismo...” (KANT, 2001, p. 95). É bem verdade que, no século XX, a Teoria Crítica de Horkheimer e seus colaboradores não foi a única que tentou resolver esse problema de forma consciente.

A filosofia tem assim a tarefa de integrar e refletir sobre os diversos saberes que contribuem, seja diretamente (sociologia e economia), seja indiretamente (psicologia), na compreensão do mundo contemporâneo. É Habermas quem vê claramente a importância dessa nova dimensão da filosofia. Ele considera que Horkheimer desenvolveu uma concepção nova e original da filosofia, ele queria continuar a fazer filosofia por outros meios. O objetivo de Horkheimer era fazer filosofia utilizando os meios oriundos das Ciências

as Sociais. Não basta apenas querer fazer Filosofia por outros meios, é preciso ter claro que isso supõe que existe uma afinidade elegível entre a Filosofia e as Ciências Sociais. Estas duas áreas do conhecimento orientadas pela vontade de interpretação do presente histórico e a emancipação dos atores sociais contribuem para a efetivação de uma ruptura com a metafísica da história e justificam a importância da teoria crítica.

O projeto da teoria crítica consiste em recusar todo dualismo pelo qual a filosofia seria habitualmente dividida: Ciências Exatas X Ciências Humanas, Ciências da Natureza X Ciências do Espírito, e substituí-las por ciências que pertencem a um presente histórico, mas que não tiram todas as conseqüências (teoria tradicional) e as ciências que tematizam o presente transformando em objeto de estudo e afirmando a importância da transformação e emancipação dos atores sociais (teoria crítica). Horkheimer é o pioneiro do dualismo entre teoria tradicional e teoria crítica.

O projeto de pesquisa de Horkheimer parte do princípio da exigência da reformulação da filosofia do espírito de Hegel, o tema hegeliano da filosofia como pensamento do presente. Horkheimer elaborou seu projeto a partir do raciocínio da economia política de Marx. É no livro teoria tradicional e teoria crítica que ele elabora explicitamente as grandes linhas que servirão de “baliza” para a teoria crítica da sociedade. Um aspecto fundamental do pensamento de Horkheimer é que ele parte da separação entre práxis e pensamento, entre ação política e filosófica para fundar uma teoria crítica da sociedade.

Horkheimer isola um conjunto de conhecimentos marcados pela interpretação clássica das Ciências Sociais. Ele renova o tema específico destas e afirma que o que deve ser valorizado são os conhecimentos e conjunturas atuais que definem a nossa identidade histórica. Para Horkheimer, a teoria crítica é uma pesquisa interdisciplinar que articula uma Filosofia enriquecida pelas Ciências Sociais e um trabalho empírico estimulado pela consciência filosófica dos fins e do que está em jogo no processo de conhecimento do

presente. Seu objeto fundamental é discernir as patologias do tempo presente a fim de aumentar a compreensão que temos da situação presente e tentando eliminar a alienação que temos do presente. O objeto da teoria crítica da sociedade é o homem enquanto produtor da totalidade das formas de vida existentes na história da humanidade. As condições da realidade não aparecem para Horkheimer como dados que devem ser constatados e previstos segundo as leis de probabilidades, os dados históricos não dependem somente da natureza, mas sobretudo do poder que o homem exerce sobre ela (Horkheimer, 1974, p. 82-83). A tese fundamental da teoria crítica consiste em recusar a teoria crítica da identidade de Hegel. É a identidade do espírito absoluto de Hegel e do ser, do real e do racional que legitima a metafísica como saber.

Para a teoria crítica a afirmação da identidade é do domínio da fé. O plano do sistema de Hegel é fundamentado na construção da lógica fornecida pela identidade. Nota-se assim que o destino da metafísica está ligado elegivelmente ao sistema de Hegel. A teoria crítica lutará obstinadamente para destruir o tempo da identidade e analisar criticamente o irracional na história (ASSOUN, 1990, p. 23-24).

O problema fundamental para Horkheimer era a articulação entre a atitude reflexiva do filósofo (fundada na exigência de um conceito) e a investigação científica baseada em dados empíricos.

No entanto, os anos 40 são marcados pelo avanço dos movimentos fascista e nazista em toda a Europa, talvez essas pressões dos acontecimentos históricos e também as dificuldades inerentes a certos pressupostos teóricos contribuíram para que Horkheimer abandonasse seu projeto original.

Com Horkheimer se liquidam o historicismo e sua confiança na caminhada para a felicidade e a liberdade. Como ele não quer renunciar à esperança localizada na razão, ele pensa que estas, libertando completamente o indivíduo, o dominam, uma vez que o subordinam ao progresso das técnicas e, portanto, destroem a subjetividade quando reina a razão instrumental. Habermas censurará Horkheimer e Adorno por se terem enclausurado a si próprios no pessimismo, reduzindo a razão à instrumentalidade, mas a experiência central de Horkheimer não é o sucesso do tecnicismo; ela reside no triunfo dos poderes totalitários que reduzem a sociedade a um canteiro de obras, depois a um campo de trabalhadores forçados. Esta identificação entre a razão, o tecnicismo e a dominação absoluta é o princípio central do pensamento de Horkheimer [...] (TOURAINÉ, 1994, p.163).

Ao destino trágico da razão moderna, Habermas opõe um otimismo comunicativo legítimo e isto porque ele considera que este destino está relacionado somente com a razão instrumental e não com a razão comunicativa que é fundada sobre a intersubjetividade da linguagem (CUSSET, 2001, p.115).

Adorno participou da tentativa de fusão entre teoria crítica e pesquisa empírica. O estudo da personalidade autoritária é a principal manifestação dessa relação entre a Filosofia e as Ciências Sociais. Todavia, Adorno negará explicitamente o projeto inicial da escola e retoma a filosofia da história, ou seja, a concepção filosófica segundo a qual a Filosofia pode elaborar por seus próprios meios um diagnóstico global sobre o mundo contemporâneo e tende assim a considerar as Ciências Sociais como algo que deve desaparecer. Todo o trabalho de Adorno, após a guerra,

tem como objetivo justificar seu distanciamento em relação ao trabalho empírico e conseqüentemente ao projeto original da teoria crítica.

Em um de seus livros, *Sociologia e pesquisa empírica*, Adorno chega ao ponto extremo de rejeição do projeto inicial da escola. Ele condena as orientações dessa disciplina e as Ciências Sociais são interpretadas como uma regressão e não como um progresso da ciência. Adorno legitima de forma clara a idéia segunda a qual a filosofia exerce um papel dominante no que diz respeito ao conjunto das disciplinas. Ele reafirma a idéia da soberania da filosofia sobre as outras ciências e o projeto da escola passa a ser uma afirmação da filosofia da história de Hegel.

O debate sobre a sociologia nos anos 60 marcou não somente o fim de um ciclo para os fundadores da Escola de Frankfurt, mas também deu ocasião a Habermas de preparar um novo ciclo da Escola. Ele desenvolve implicitamente críticas em relação à denúncia que Adorno fez das Ciências Sociais. Habermas lamenta que a obra de Adorno tenha legitimado uma posição contrária ao espírito da escola. Ele tenta evitar uma desqualificação das Ciências Sociais e dar uma nova chance ao projeto inicial.

### UM NOVO CICLO PARA A TEORIA CRÍTICA

Com Habermas, a teoria crítica vai conhecer um reajustamento interno. Ele começa então a fazer um trabalho discreto para demonstrar as insuficiências do projeto inicial da escola. Ele tenta compreender quais são os obstáculos epistemológicos que aparecem como uma inércia ao projeto de pesquisa original da escola. Quais são os limites do projeto inicial? Habermas afirma que as mudanças históricas e as transformações do contexto filosófico e científico que aconteceram nos anos 30 fazem aparecer a fecundidade da teoria crítica. O filósofo que quer compreender o presente histórico deve procurar articular seu discurso com as Ciências Sociais.

A compreensão filosófica do mundo social só é possível através de um projeto que leve em consideração a interdisciplinaridade. Horkheimer, apesar de ter visto a importância da interdisciplinaridade, continua a considerar a economia política de Marx como o modelo de conhecimento crítico do presente. Neste caso, afirma Habermas, ele dá uma base muito estreita ao seu projeto e esse problema está vinculado a um outro, que é a tese da superioridade de princípio do método dialético, que era ignorado pelas teorias tradicionais. Nos anos 30, Horkheimer ainda não tinha se libertado da idéia segundo a qual o proletariado constitui por excelência a força libertadora da humanidade e o discurso da teoria crítica devia fazer referência a essa concepção filosófica. Para Habermas a teoria crítica devia se distanciar dos elementos que a ligavam à filosofia da história.

Para isso, é preciso desenvolver as noções que tinha intuitivamente guiado o projeto inicial da escola: a singularidade dos saberes sobre o mundo contemporâneo, ligação entre conhecimento e emancipação e a afinidade entre Filosofia e as Ciências Sociais. A originalidade de Habermas consiste em se interessar pela tradição sociológica nas suas mais diversas manifestações. O que não foi o caso de Horkheimer e de Adorno, que reduziram a Sociologia a uma ideologia. É a Sociologia, como no Marxismo a Economia, que se torna a disciplina fundamental na medida em que ela oferece as condições indispensáveis à análise do mundo contemporâneo. Este ponto de partida favorece a retomada e a reorientação original da Teoria Crítica.

O problema fundamental é saber de que modo se dá essa apropriação filosófica do trabalho sociológico. É possível isolar três concepções de Habermas sobre a relação entre a Filosofia e as Ciências Sociais e em particular a Sociologia. Em primeiro lugar, ele considera que a filosofia tem a tarefa de fundar as Ciências Sociais. Em segundo lugar, ele estabelece uma relação mais neutra de cooperação entre elas. Em terceiro lugar, ele mostra como as Ciências Sociais podem se integrar à um discurso filosófi-

co. Estas três concepções representam cada uma um desenvolvimento possível em torno do problema central, que é o conhecimento histórico do presente, isto tanto no âmbito empírico quanto no âmbito da reflexão teórica. As concepções em questão resolvem o problema da articulação entre a filosofia e a sociologia.

### A SOCIOLOGIA COMO DISCIPLINA CIENTÍFICA

A estratégia que Habermas adotou para justificar sua posição foi a de considerar em primeiro lugar uma disciplina científica existente, a Sociologia. Ele afirma que a Sociologia é uma disciplina científica que estuda o presente histórico. O objeto de estudo da Sociologia é as relações sociais e assim o mundo contemporâneo é considerado como objeto de conhecimento. Para Michel Foucault o pensamento moderno encontra na análise do presente histórico um dos seus aspectos fundamentais.

A estratégia de Habermas consiste em raciocinar a partir do estado atual da disciplina. Nos anos 60 a Sociologia é marcada por uma nova orientação em que os teóricos e filósofos, como Popper, devem assegurar a transformação da Sociologia em Ciência Positiva. Ela se redefina como uma técnica de pesquisa (entrevistas, sondagens, estatísticas).

A posição radical de Adorno deveria conduzir a uma rejeição total de uma sociologia empírica e autônoma em relação à filosofia. Ele queria restaurar uma filosofia social ou uma filosofia da história. Para Habermas a sociologia não pode ser reduzida a uma forma de ideologia. Ele passa a considerar a sociologia como uma disciplina que exerce um papel crítico. O que é a Sociologia, diz ele, senão uma ciência do presente histórico, no sentido nobre do termo. A Sociologia soube, no contexto de uma sociedade burguesa voltada para os interesses capitalistas, adquirir uma autonomia e tornou-se uma esfera particular do conhecimento que estuda a sociedade segundo suas leis próprias. A Sociologia se dá conta do seu papel revolucionário no sentido

de que ela tem um interesse crítico: a emancipação do cidadão e a construção de uma sociedade democrática. Neste sentido, o termo "crítica" é entendido não somente como saber, mas também como processo de conhecimento que visa a emancipação dos atores sociais. A idéia de emancipação é um tema próprio do Iluminismo.

A Sociologia é, então, uma ciência que se afirma integralmente como história do presente e isto está ligada ao meio no qual ela se encontra e o objeto que ela estuda. E também como uma ciência que integra de forma reflexiva a consciência da historicidade do saber, que é produzido através de pesquisas empíricas. Ela é destinada a analisar o presente e aumentar o poder de ação dos indivíduos e da coletividade sobre a história. A sociologia utiliza uma mediação teórica e prática procurando uma compreensão rigorosa de si mesmo (reflexividade) e da sociedade. A Sociologia moderna não se restringe à uma pesquisa empírica como é o caso da sociologia positivista.

No seu livro *Conhecimento e Interesse*, Habermas tenta atualizar a teoria social marxista para se dar conta das transformações próprias ao sistema capitalista avançado. Neste livro ele oferece um novo conteúdo ao modelo fecundo da teoria crítica que deve estar ligada a análise das crises do mundo contemporâneo. Habermas descobriu a autonomia epistemológica da crítica que se desenvolve através da ciência, isto é, do conhecimento do mundo contemporâneo, que visa a tomada de consciência e a afirmação do poder de agir dentro da história para transformá-la.

Habermas demonstra que Marx nunca questionou o sentido determinando de uma ciência do homem que se realiza como crítica da ideologia, em oposição ao sentido instrumental da ciência da natureza. Mesmo se ele fundou a ciência do homem sobre a forma de uma crítica e não como ciência da natureza, Marx não julgou necessário justificar a teoria da sociedade do ponto de vista de uma crítica da supressão da teoria do conhecimento (HABERMAS, 1976, p. 96). A análise da relação entre conhecimento e interesse deveria sustentar a tese segundo a qual

uma crítica radical do conhecimento só é possível sobre a forma de uma teoria da sociedade. (HABERMAS, 1976, p. 31). Esta idéia se encontra na teoria marxista da sociedade. O que Habermas critica no livro *Conhecimento e Interesse* é o positivismo. Ele nos mostra o contexto no qual o positivismo nasceu e a função ideológica que ele tem na sociedade. Para Habermas Marx não poderia conceber os limites da ciência econômica e, sobretudo, não poderia dar um novo estatuto especial ao conhecimento crítico. O marxismo deixou de existir, para Habermas, enquanto crítica eminente da sociedade para ter um lugar próprio (no que diz respeito às transformações) na teoria da comunicação social. (ASSOUN, 1990, p.85).

#### CONHECIMENTO E INTERESSE

Habermas parte de uma problemática que se tornou banal na filosofia moderna das ciências. O problema é que a construção de um saber empírico só é possível em função de um quadro teórico determinando e guiado por um conjunto de hipóteses. O objetivo do autor é identificar os interesses do conhecimento e as formas fundamentais de exercício da inteligência que estão ligadas a certos fins. E que corresponde a um modo particular de apreensão do real. "A transmissão da teoria crítica é uma condição necessária a seu próprio sucesso histórico, mas isso só pode ser assegurado pelo interesse que os homens têm na transformação da sociedade" (HORKHEIMER, 1974, p.79). Para Habermas o conhecimento pode ter três tipos de interesses: técnico, prático e de emancipação. É em função destes interesses que o conhecimento é estruturado e orientado. A cada um destes três fins corresponde um tipo de racionalidade e um conjunto de ciências que podem ser identificadas: as ciências empírico-analíticas, as ciências histórico-hermenêuticas e as ciências críticas. O que nos interessa neste artigo são as ciências críticas.

O interesse é constitutivo do saber, ele é o que dá sentido ao conhecimento, o que faz com que a razão humana se interesse pelo exercício do saber. Nós não teríamos o menor interesse pelo exercício do saber, o mais desinteressado possível, se este saber não nos interessasse por ele mesmo, pelo próprio interesse do saber. O interesse é antes de tudo um conceito de reflexão; ele é um princípio ao qual o conhecimento está intrinsecamente ligado no momento em que ele reflete sobre as condições do seu exercício. (CUSSET, 2001, p.24).

As ciências críticas não podem ser compreendidas sem a idéia de um interesse de emancipação, por uma impulsão que tende a auto-afirmação libertadora de um sujeito que se distancia (pela reflexão) das alienações e dos modos de dominações. A razão deve estar fundamentalmente ligada a este tipo de interesse e as ciências críticas manifestam de tal forma a importância da emancipação dos atores sociais que isto constitui o ponto central do sistema de Habermas. No livro *Conhecimento e Interesse* Habermas faz de Freud o pioneiro da ciência do movimento da auto-reflexão e da autonomia do conhecimento reflexivo que visa a emancipação. A contribuição principal de Freud, segundo Habermas, foi o fato de ter colocado em prática um trabalho de emancipação do sujeito.

O quadro teórico que determina a validade dos enunciados críticos está presente dentro do conceito de auto-reflexão. Este último liberta o sujeito da dependência da dominação do poder. A auto-reflexão é determinada pelo interesse de um conhecimento que visa a emancipação dos atores sociais. As ciências críticas partilham esses interesses com a filosofia moderna.

As Ciências Sociais tiram o essencial de sua especificidade cultural e epistemológica de sua capacidade de clarear os atores sociais sobre as condições de produção e reprodução de suas ações. Explicitar de maneira crítica a experiência histórica e social dos atores sociais não é exclusivo a Habermas. Nós podemos encontrar estas idéias

em autores diferentes como Pierre Bourdieu e Alain Touraine, claro que em modalidades diferentes. Uma das originalidades de Habermas consiste em estabelecer e justificar a afinidade entre Ciências Sociais e Filosofia.

A constituição do presente enquanto objeto de conhecimento só é possível quando for guiado pela vontade de transformar os indivíduos em atores sociais. Para Habermas todo conhecimento sobre o presente histórico tem essencialmente uma "vocação" crítica. Habermas define a Sociologia como uma tentativa sistemática para reconstruir o presente a partir do passado.

#### **A COOPERAÇÃO ENTRE SOCIOLOGIA E FILOSOFIA**

Habermas renuncia progressivamente à separação entre o trabalho de análise crítica da sociedade moderna e o da filosofia do conhecimento que marca os seus primeiros trabalhos. Ele funde esses dois conhecimentos em uma única teoria da comunicação que só foi mencionada anteriormente, como projeto de pesquisa. Habermas afirma ter finalmente se aliado à virada lingüística do pensamento contemporâneo. Habermas coloca no centro de suas pesquisas não mais a consciência, mas a linguagem. Ele vê na interação da linguagem um fato gerador do social.

A teoria do agir comunicacional é a obra dominante da segunda fase do pensamento de Habermas. Trata-se de um novo paradigma, onde existe a passagem da teoria da consciência à teoria da comunicação. Habermas procura fixar elementos teóricos a partir dos quais a Filosofia se sentirá obrigada a ter uma compreensão pós-metafísica dela mesma e estabelecerá relações de cooperação com as Ciências Sociais fundamentada na divisão do trabalho. Ele insiste sobre a renovação da relação entre Filosofia e Ciências Sociais. Falar em termos de cooperação entre dois tipos de saberes significa colocá-los sob o mesmo plano e excluir a pretensão a legitimar do exterior qualquer tipo de conhecimento.

Pensar em termos de cooperação significa dizer que a reflexão crítica começa com a prática do diálogo e que é através do diálogo que os atores sociais se libertam das determinações e tomam assim consciência da importância de uma pesquisa cooperativa da verdade (CUSSET, 2001, p.28). O aprofundamento da relação entre Filosofia e Ciências Sociais é colocado como necessário e constitutivo do processo de conhecimento filosófico.

Na primeira fase do pensamento de Habermas, ele considerava que a Filosofia tinha o dever de legitimar filosoficamente as Ciências Sociais. A teoria da atividade comunicativa não é uma "grande teoria", mas o ponto de partida de uma teoria da sociedade que faz um esforço para justificar suas normas críticas. Não se trata de fundar os saberes, mas de demonstrar um conteúdo crítico e histórico do presente (HABERMAS, 1987, p. 13). A Filosofia não pode mais visar uma elaboração de sistemas das ciências sociais, sobre o qual poderia pronunciar recomendações e proibições. A posição assumida resulta de uma acentuação das tendências observadas dentro da lógica das Ciências Sociais: o intervencionismo marcado pela reflexão epistemológica dos anos 60 é agora considerado inútil e incerto. Isto na medida em que as Ciências Sociais são percebidas como complexas. Um campo sobre o qual a filosofia não pode esperar ter uma perspectiva única e privilegiada. Nos anos 70, a transformação da relação com as Ciências Sociais se caracteriza por um abandono claro do estilo Marcusiano, isto é, da identificação da teoria social com a denúncia massiva das tendências e das ideologias das sociedades contemporâneas.

Para estudar a crise do capitalismo, Habermas se lança sobre um campo original na medida em que o filósofo fala a mesma linguagem que os sociólogos "tradicionais", integrando suas problemáticas ou se confrontando a elas por meio de argumentos empíricos e não mais transcendentais. É a partir desta relação que Habermas tenta mostrar que sua estratégia é susceptível de completar ou de corrigir as concepções filosóficas existentes. Ele rompe com

o discurso dominante e desta vez é do interior mesmo das Ciências Sociais que se opera sua crítica às Ciências Sociais e à sociedade. A teoria do agir comunicativo é uma atitude crítica em relação às Ciências Sociais contemporâneas e em relação à realidade social que ela deve compreender.

Na sua obra *Conhecimento e Interesse*, a relação entre Filosofia e Sociologia já é bem estreita. Esta evolução se traduz nas primeiras páginas da teoria do agir comunicacional onde ele afirma sua tese radical segundo a qual é a partir do saber sociológico existente que deve ser colocado o problema da razão (HABERMAS, 1987, p. 18-19). Para Habermas, a Sociologia constitui a única disciplina que foi constrangida a integrar todos os aspectos da problemática da racionalidade. O sociólogo teve que desenvolver conscientemente um conjunto de teorias capaz de analisar e reconstruir a razão dos atores sociais. O sociólogo teve que edificar uma classificação dos tipos de atividade social existente e enfim analisar os dados empíricos considerando a questão da racionalização da ação efetivada pelos atores sociais.

Como é que o princípio da cooperação entre Filosofia e Ciências Sociais pode se realizar? Habermas explica que é pela retomada das estratégias conceituais, das hipóteses e argumentos apresentados por Weber e Parson e ainda pela exploração metódica de construções teóricas significativas, elaboradas com fins explicativos.

#### UMA APROPRIAÇÃO CRÍTICA DE WEBER

O retorno e apropriação dos clássicos são importantes. Isto é bem visível na apropriação que Habermas faz da concepção da modernidade, que é elaborada por Weber. A interpretação que Habermas propõe de Weber é o ponto central da obra teoria do agir comunicacional. Isto representa o ponto máximo do ensaio de Habermas onde ele

coloca em evidência a relação necessária entre sociologia e filosofia. A teoria do agir comunicacional não visa estudar as idéias do passado, mas a contribuir na elaboração de uma interpretação do presente histórico que seja empiricamente pertinente e filosoficamente fundado.

Mesmo se o filósofo não está habilitado a colocar em dúvida os aspectos empíricos da intervenção do presente proposto por Weber, (ou outro sociólogo), seu papel não se limita a repetir e sistematizar as conclusões dos saberes já existentes. Ele deve analisar de forma crítica a coerência e a solidez dos fundamentos teóricos. Uma crítica a Weber pode simplesmente estabelecer que ele não esgotou as possibilidades contidas dentro do quadro sistemático de sua contribuição teórica. "A Teoria Crítica não se comporta como rival das direções de pesquisas já estabelecidas, ela tenta explicar onde se situa o limite específico e a relativa justeza das pesquisas." (HABERMAS, 1987, p.412).

A apropriação do conteúdo das pesquisas de Weber (sobretudo os conceitos de racionalidade e modernidade) se impõe a Habermas como elementos imprescindíveis para a reestruturação interna da teoria crítica da sociedade. Isto aconteceu em razão da pertinência do quadro teórico que o sociólogo deu à sua problematização do presente histórico. Weber quer romper com a filosofia da história e em particular com todo o pensamento evolucionista e a idéia de progresso. Ele propõe uma interpretação da modernidade ocidental na sua totalidade e suas tendências essenciais.

Para Weber, todo pensamento histórico termina por uma problematização da modernidade, no sentido de que ele deve falar da experiência moderna. Para desenvolver essa problemática, Weber escolhe como ponto de partida a racionalização. A sociologia de Weber mostra que o próprio da civilização ocidental foi de estender a racionalidade presente a vários domínios da vida social. Weber fala de dois momentos importantes: o desenvolvimento do Estado de direito e o da economia capitalista. O tema da modernidade e o conceito de racionalidade transformaram-se em ins-

trumento de análise potencialmente crítico do presente histórico. Esse aspecto da sociologia de Weber é considerado pertinente por Habermas.

Podemos chamar de racional uma expressão que incorpora um saber susceptível de ser explicitado em relação a fins de justificação; aplicação deste saber é considerado por Habermas como uma manipulação instrumental e é o entendimento comunicacional que aparece como o âmago na racionalidade. A ética da discussão, neste caso, implica reconhecer o outro e ser reconhecido por ele. Para Weber, a ação é reduzida a intervenções que têm um fim no mundo objetivo. Habermas discute a teoria da ação de Weber e faz dessa crítica o ponto de partida para a elaboração do conceito de agir comunicacional. (HABERMAS, 1987, p. 283).

### O PARADIGMA COMUNICACIONAL

O projeto de Habermas consiste em fundar uma teoria da sociedade, cuja base é a idéia de comunicação. (HABERMAS, 1984, p.5). É a partir da discussão com Weber que o projeto de Habermas conhece uma ampla perspectiva concreta que conduz a interpretação complexa do presente histórico. O projeto é reorientado em direção a uma análise da História, graças à introdução do tema da modernidade. No entanto, se a crítica filosófica pode assim propor uma alternativa verdadeira à modernidade, ela não pode estabelecer por ela mesma a validade. Em particular porque é preciso que seja justificado empiricamente a decisão que consiste em atribuir a importância central do fenômeno da comunicação. Habermas faz do agir comunicacional o fio condutor de um diagnóstico sobre o presente histórico. A hipótese central do pensamento habermasiano, é que as ciências humanas do século XX já elaboraram os elementos de uma antropologia original fundada sobre o paradigma da comunicação.

Para tornar viável a cooperação entre Filosofia e Ciências Sociais, Habermas estabelece relações estreitas fundamentalmente com três disciplinas: a lingüística, a psicologia e a sociologia. Como Lévi-Strauss, Habermas procura na lingüística um modelo epistemológico válido para as Ciências Sociais. Com o estudo dos atos de fala, inaugurado por Austin, torna-se claro que a enunciação deve ser pensada não como expressão das representações que são preexistentes, mas como uma forma de atitude específica pela qual o sentido se constrói, os atores se definem reciprocamente e têm suas condições próprias de sucesso ou de fracasso.

Habermas mostra a importância da abordagem empírica dos fenômenos da linguagem e de suas regras implícitas. Mas sua análise diz respeito aos aspectos universais e necessários destes fenômenos e isto do ponto de vista de uma teoria social. Todo ato de fala exprime uma pretensão à validade, à exigência de um reconhecimento cuja particularidade é de ser aceita ou recusada em seu nível próprio. A troca lingüística supõe não somente a ligação com os interlocutores, ela contribui também para recriar laços sociais. Habermas quer colocar em evidência o caráter ativo da linguagem. "O ato da linguagem só é bem sucedido se o outro aceita a oferta que ela contém, tomando posição a favor ou contra um postulado que pretende deter a verdade." (HABERMAS, 1987, p.297). Neste caso eu não sou sujeito face ao mundo objetivo, mas um sujeito entre outros sujeitos e eu sou sujeito porque estou em relação com outros sujeitos. (CUSSET, 2001, p. 36). É neste sentido que a teoria do agir comunicacional se aproxima da teoria do sujeito de Alain Touraine na medida em que para ser sujeito é preciso reconhecer o outro como sujeito e ao mesmo tempo a construção do sujeito exige uma participação ativa nos movimentos sociais (TOURAINÉ, 1994). A intersubjetividade e o reconhecimento do outro são elementos determinantes na teoria do agir comunicacional de Habermas, sendo que a emancipação é o fundamento dessa teoria. O interesse pela emancipação deve inserir-se em uma

prática concreta, isto é, em uma prática democrática da discussão que deve ser garantida institucionalmente e que permita também a transformação crítica das instituições.

A psicanálise é significativa para nós como único modelo tangível de uma ciência que recorre à auto-reflexão. Ela é um modelo de ciência crítica articulada a um interesse emancipável. A psicanálise oferece pontos de vistas teóricos e regras técnicas para a interpretação do conjunto dos símbolos (HABERMAS, 1976, p.247).

As referências que Habermas faz a Freud são dominantes no livro *Conhecimento e Interesse*, mas agora são as referências a Mead que tendem a tornarem-se preponderantes nesta nova fase do seu pensamento. O psicólogo americano conseguiu dar um passo decisivo no que diz respeito ao paradigma comunicacional em antropologia. Para analisar o sujeito, Mead recorre ao esquema da interiorização, conforme o qual, o sujeito se constrói desde o início na relação, mais precisamente pela progressiva integração dos pontos de vistas de outros, de ajustamento constante às esperas previsíveis. Se Habermas se interessa pela psicologia social de Georges Herbert Mead é porque sua psicologia não está fundada em uma metafísica. Sua teoria da consciência é uma teoria da formação da identidade pessoal que mostra em que consiste esta capacidade social e de linguagem que é a capacidade de se identificar a si mesmo, dizer eu, e se fazer sujeito individual da ação. Mead mostra que individualidade e socialização são dois processos solidários (CUSSET, 2001, p. 39-40). Mas Habermas quer completar esta teoria com uma teoria da linguagem que é a forma simbólica mais completa da interação social. Ele quer encontrar na estrutura da linguagem "ordinária" as razões sucessíveis para fundar teoricamente esta força socializante que Mead vê na interação simbólica (HABERMAS, 1987, p.297).

O Eu é essencialmente uma estrutura social e nasce da experiência social. A construção da "pessoa" deve ser compreendida como aquisição gradual da capacidade de antecipar as reações possíveis dos outros, em particular dentro de um contexto de discussão, na medida em que a interiorização da situação de discussão contribui à construção do sujeito. A consciência de si mesmo aparece como resultado de um desenvolvimento mediatizado pelas trocas lingüísticas. A teoria do agir comunicacional mostra que o estudo das trocas simbólicas é por excelência o que permite ultrapassar as tensões tradicionais que divide o campo das ciências humanas entre individualismo e holismo, entre subjetivismo e objetivismo.

A Sociologia tem um papel central no projeto da teoria crítica elaborada por Habermas. Ele mostra que a teoria sociológica contém uma rica contribuição para uma antropologia fundada sobre o paradigma da comunicação. Os ritos são interpretados como uma reação periódica do consenso, como uma manifestação camuflada da unidade social em torno de um pólo simbólico, que é o sagrado. As hipóteses de Habermas sobre a função social da comunicação são próximas da concepção durkheimiana sobre o sagrado. Isso mostra que o tema da comunicação, introduzido pela lingüística e pela psicologia, são pertinentes para as Ciências Sociais. A Sociologia revelou sua competência para tratar os problemas que a política e a economia excluíram, quando elas se tornaram disciplinas especializadas. A Sociologia têm como tema central, as transformações que afetam a integração social que é o resultado da emergência de um estado moderno e de uma economia regulada pelo mercado.

Habermas retoma o aspecto crítico da tradição sociológica e propõe uma nova modalidade de apropriação da mesma. Sua hipótese é que com a sociologia, após Weber, tornou-se possível a reinscrição do tema da comunicação na teoria social. Ele parte daí para elaborar um projeto de pesquisa válido para uma sociologia crítica. A reprodução social seria cada vez mais mediatizada pelas redes de dis-

cussões integradas e socializadas. O objetivo de uma ética da discussão

é a defesa de uma razão prática renovada e fundada sobre uma teoria do poder comunicacional que coloca toda a sua esperança no poder emancipável do agir comunicacional, isto é, de um poder emancipável da razão que apesar de todas as teorias especulativas, mantém esta visão positiva de um futuro racional e mais humano das sociedades modernas. (ARNO, 1998, p.93).

A crítica mais séria que é feita à teoria do agir comunicacional de Habermas se encontra no capítulo 2 das *meditações pascalianas* de Pierre Bourdieu. Esta crítica é chamada de dupla redução porque Habermas reduz as relações sociais às relações de comunicação e também sua teoria do consenso que se obtém através da argumentação racional. Ele reduz as relações políticas às relações de comunicação. Talvez, diz Pierre Bourdieu, Habermas não percebeu bem que as discriminações limitam o acesso a posições no campo político. (BOURDIEU, 1997, p. 81-82). Esta crítica não implica necessariamente uma rejeição global e total da teoria do agir comunicacional de Habermas.

Após a teoria do agir comunicacional o pensamento de Habermas conhece uma nova transformação. Ele deixa o campo da teoria social e das interpretações históricas e centraliza suas investigações sobre uma doutrina moral e jurídica.

## CONCLUSÃO

O pensamento do presente histórico deve ser articulado com a compreensão das Ciências Sociais que transformam as relações sociais em objeto de estudo e de investigação empírica. A articulação entre a Filosofia e as Ciências Sociais, no âmbito de uma teoria crítica, está

vinculada à idéia política de autonomia e emancipação dos atores sociais.

No âmbito teórico, seu objetivo é elaborar uma teoria da racionalidade cuja originalidade é que ela se desenvolva a partir de uma discussão com as Ciências Sociais.

A Filosofia só pode manter sua pretensão a pensar o presente histórico na medida em que ela, em primeiro lugar, estabelece relações estreitas com as Ciências Sociais. Trata-se das condições indispensáveis à produção do conhecimento científico da realidade. A Filosofia não tem mais o monopólio do pensamento do presente, como era o caso no período que antecede a modernidade. A Filosofia só pode falar do presente histórico através da mediação e da discussão com as Ciências Sociais. A idéia de interdisciplinaridade é uma das grandes contribuições que Habermas deu à teoria crítica da sociedade. É claro que o papel da Filosofia não se limita a considerar e integrar os saberes positivos, ela contribui ativamente na compreensão do mundo contemporâneo. Em primeiro lugar, porque a reflexão filosófica sobre as Ciências Sociais quer fazer uma classificação crítica das mesmas e contribuir para que estas disciplinas tenham mais consciência do nível de racionalidade que elas aplicam em seus trabalhos de pesquisa e construção teórica. Em segundo lugar, as reflexões filosóficas sobre estas ciências têm um valor ativo na construção do conhecimento do presente histórico e, neste caso, a epistemologia e a teoria social estão profundamente ligadas. Para Habermas uma crítica radical da sociedade só é possível através de uma teoria da sociedade.

Habermas é conhecido como um observador crítico da sociedade presente. Ele não fez alianças com os extremistas, nacionalistas e fundamentalistas políticos da sua época. Habermas se afirmou como um democrata radical, como diz Arno Münier (ARNO, 1998, p.23). A teoria crítica ajuda a nos libertar das dependências dogmáticas e da coerção social, das determinações cegas que não deixam de agir

sobre as nossas consciências. Isto é possível somente na medida em que o pólo da reflexão sobre si mesmo se distancia do sujeito solitário da introspecção para se aliar à intersubjetividade da comunicação, à prática real da discussão e da troca dialógica de palavras.

#### REFERÊNCIAS

- ASSOUN, PAUL-LAURENT. **L'ÉCOLE DE FRANCFORT**. PARIS: PUF, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.
- CUSSET, YVES. **L'ESPOIR DE LA DISCUSSION**. PARIS: EDITIONS MICHALON, 2001.
- HORKHEIMER, Max. **Théorie traditionnelle et théorie critique**. Paris: Gallimard, [1970] 1974.
- HABERMAS, Jürgen. **Théorie de l'agir communicationnel**. Racionalité de l'agir et rationalisation de la société, Tome I, Paris, Fayard [1981] 1987.
- \_\_\_\_\_. **Théorie de l'agir communicationnel**. Pour une critique de la raison fonctionnaliste. [1981] 1987.
- \_\_\_\_\_. **Sociologie et théorie du langage**. Paris: Armand Colin, [1984] 1995.
- \_\_\_\_\_. **Connaissance et intérêt**. Paris: Gallimard, [1968], 1976.
- HABER, Stéphane. **Habermas et la sociologie**. Paris: PUF, 1998.
- MÜNSTER, Arno. **Le principe "discussion" Habermas ou le tournant langagier et communicationnel de la théorie critique**, Paris: Editions Kimé, 1998.
- TOURAINÉ, ALAIN. **CRÍTICA DA MODERNIDADE**, PETRÓPOLIS: VOZES, 1994.
- KANT, Emmanuel. **Qu'est-ce que s'orienter dans la pensée**. Paris: Vrin, 2001.

## AS "SEMENTES DO VERBO" NA TEOLOGIA DAS RELIGIÕES A PARTIR DO VATICANO II: do movimento ecumênico ao diálogo inter-religioso

Pe. João Pilotti\*

#### RESUMO

A Teologia das religiões está emergindo cada vez mais no cenário teológico do nosso tempo. Na pós-modernidade, de fato pluralista, ela já não é mais 'uma parte' da reflexão teológica, antes vem se constituindo em 'modo' e 'exigência', especialmente em contexto inter-religioso. Os debates são cada vez mais frequentes e as perspectivas diversificadas. A dissertação pergunta sobre 'se' e 'onde' haja presença de ação universais do 'Logos', e 'qual' o estado atual da questão. Partindo de uma análise dos contributos bíblicos-patristico-dogmático busca contextualizar e compreender a salvação através de um modelo histórico unitário: a história da salvação. Buscando superar a concepção exclusiva da eclesiologia, baseada num modelo teológico erroneamente concebido por opostos, aponta para o modelo da cristologia trinitária-pneumatológica, postulando por Jesus de Nazaré, o Cristo, uma unicidade e universalidade "relacionais". O legado patristico das "sementes do Verbo" hoje está voltando sob forma de "presença do Espírito Santo". Derivante segue a necessidade de um modelo de "missão" que conceba o diálogo como constitutivo e uma série de tarefas abertas ara o futuro. O Cristianismo e as Tradições Religiosas do Mundo participam, de forma "misteriosa" e diferenciada, do único e "já" presente reinado de Deus rumo ao "ainda não" de sua realização definitiva, onde o Reino de Deus constitui a plenitude da escatologia. Nele toda a humanidade será uma grande assembleia.

Palavras - chave: Pluralismo religioso. Inter-religioso. "Logos". Unicidade. Universalidade. Reino de Deus

\* Mestre em Teologia Sistemática - PUCRS. Professor do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão - IESMA.